
Desrealização e eufemização discutidas a partir da teoria da midiatização¹

Igor Fernando MALLMANN²

Maria do Carmo FALCHI³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo: Hoje em dia é preciso ver para além da comunicação em dois âmbitos: extrair o que há de comunicacional tanto nas diferentes epistemes quanto nos objetos de análise; assim como fazer, propor e compreender as inter-relações e conexões possíveis com os diversos campos de conhecimento. Assim, este artigo tem como objetivo compreender de que formas, no cenário da midiatização, agentes e organizações se utilizam de eufemização na circulação de sentidos. Para tanto, abordaremos dois casos envolvendo o perfil do Twitter *Hoje no Mundo Militar* e a página do Facebook da *Turner Syndrome Global Alliance*. A riqueza da teoria da midiatização reside na complexidade das interações e das disputas de sentido. Da mesma forma, a desrealização que ocorre a partir das eufemizações é reforçada (ou combatida) a partir do contato que existe entre as plataformas e seu público.

Palavras-Chave: Midiatização; Desrealização; Eufemização.

1 INTRODUÇÃO

A complexidade social, política, econômica da sociedade contemporânea se reflete não apenas nos empíricos estudados pela comunicação, mas na aplicação de teorias e na interface destas com outras áreas. Assim, hoje em dia é preciso ver para além da comunicação em dois âmbitos: extrair o que há de comunicacional tanto nas diferentes epistemes quanto nos objetos de análise; assim como fazer, propor e compreender as inter-relações e conexões possíveis com os diversos campos de conhecimento. Esse é um processo experimental e tentativo, o qual contribui para o crescimento e solidificação dos estudos em comunicação.

Sendo assim, hoje vivenciamos o momento de midiatização da sociedade, que permite analisar, de forma crítica, a inter-relação entre as transformações na mídia e nas comunicações e as mudanças na cultura e na sociedade (COULDRY; HEPP, 2020). É

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Comunicação – Teorias da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestre em Ciências da Comunicação pelo PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, email igor.mallmann@hotmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, email: mariapfalechi@gmail.com

nesse contexto que o artigo em questão está inserido, uma vez que a intercambialidade existente entre questões culturais e sociais está em forte interação com o momento comunicacional que experienciamos.

Diante do exposto, propomos como problematização a desrealização enquanto manifestação de um dos estágios atuais da midiaticização na sociedade, e a eufemização como operação de desrealização na circulação de sentidos. Sendo assim, este artigo tem como objetivo compreender de que formas, no cenário da midiaticização, agentes e organizações se utilizam de eufemização na circulação de sentidos. Para tanto, abordaremos dois casos: a) a interação de um perfil de Twitter (*Hoje no Mundo Militar*) com seu público na cobertura da guerra Russo-Ucraniana; b) as estratégias comunicacionais das postagens compartilhadas pela página do Facebook da *Turner Syndrome Global Alliance*, uma organização não governamental estadunidense.

A escolha por esses objetos de estudos se dá 1) pela complexidade de suas ocorrências: um conflito que está em pleno desenvolvimento e que transpassa questões geográficas e territoriais, e uma doença rara invisibilizada e que gera tensionamentos entre pacientes e médicos; 2) pelas interfaces que estes envolvem - história, política, saúde; e 3) por serem acontecimentos atuais. É assim que compreendemos não apenas o cenário da comunicação atualmente - complexo, múltiplo e em constante interação - mas também a própria teoria da midiaticização, que não apenas reflete esse contexto, mas também dá embasamento epistemológico e metodológico para a análise e apreensão desses fenômenos.

2 MIDIATIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E MIDIÁTICAS

Pensar sobre midiaticização requer estudar e refletir sobre novos processos, relações e sentidos, produzidos de maneira mais complexa no âmbito das práticas sociais e dos processos midiáticos. Todos esses fenômenos acontecem de forma tentativa, inacabada e não linear, por meio das experiências comunicacionais dos múltiplos sujeitos. Sendo assim, os observáveis desta pesquisa fazem parte de um cenário no qual as tecnologias, plataformas digitais e as diversas possibilidades de interação e comunicação se inserem na cultura, na sociedade e nas práticas sociais. O

processo interacional resulta dessas intercorrências, não apenas das alterações nos processos midiáticos e sociais, mas nas novas possibilidades de confluências entre os diversos campos sociais, uma vez que se compreende a mediatização:

[...] como um processo viabilizador e favorecedor de circuitos de complexidade ampliada, pondo em conjunção circunstâncias que antes podiam se compartimentar em sistemas quase estanques, em “mundos separados”, [assim] propiciam uma zona de confluência geral de “códigos” e “lógicas” os mais diversos (BRAGA, 2013, p. 164).

Nessa perspectiva, na sociedade em vias de mediatização, é possível identificar a complexidade das relações sociais existentes, especialmente por meio da observação dos dispositivos tecnológicos de produção, criação e difusão (FAXINA, GOMES, 2016). Outra ideia, apresentada por Rosa (2017), ressalta que, no processo de mediatização da sociedade existe a complexificação das relações entre os sujeitos, assim como da produção de sentidos originadas através delas.

Portanto, pode-se dizer que a sociedade em vias de mediatização é marcada por transformações em diversos níveis: na inter-relação entre os campos, na diluição das fronteiras entre as gramáticas de produção e de reconhecimento, assim como na forma de ordenamento da sociedade e na complexificação das relações existentes em todos os âmbitos. Essas mudanças ocorrem de forma processual, ou seja, vão se dando de acordo com a intensidade da intercambialidade entre as ações dos sujeitos e a interpenetração dos dispositivos midiáticos. Importante ressaltar que não se trata de colocar a mídia e os meios de comunicação como centrais no processo, mas sim compreender a importância crescente que eles vêm tendo nas relações e interações sociais, assim como nas práticas dos indivíduos.

Assim, fica evidente que os processos de interação e articulação são basilares na sociedade em vias de mediatização, sendo responsáveis pelas múltiplas dinâmicas e complexificações existentes nessa ambiência. Além disso, ao mesmo tempo, demonstram a diversificação das possibilidades existentes, tanto em termos da intersecção entre os campos, da ampliação das zonas de contato, da inventividade dos construtos comunicacionais e das relações que se estabelecem entre os múltiplos sujeitos. Portanto:

[...] as interações sociais correspondem ao lugar em que podemos tentar nos aproximar do fenômeno comunicacional em sua ocorrência [...] É importante para nossa tese assinalar que não só os participantes

em uma interação acionam suas tentativas (e obtêm ou não sucesso, em diferentes graus e modos, conforme seus próprios critérios); também *os processos comunicacionais*, em perspectiva mais abrangente que a dos participantes, são tentativos (BRAGA, 2017a, p 20, 24).

Diante do exposto, outro conceito importante é o de circulação. Fausto Neto (2010) ressalta que, na sociedade em vias de midiatização, a circulação deixa de ser associada à defasagem ou diferença entre produção e recepção, e passa a ser vista como ponto de articulação entre essas duas esferas. Na visão do autor, os sujeitos, que antes eram considerados receptores, se transformam em cooperadores da instância produtiva, e assim passam a fazer parte da cena midiática. Isso ocorre porque a complexificação das tecnologias expõe o trabalho da circulação, transforma os ambientes e modifica as temporalidades, as práticas sociais e os discursos dos próprios indivíduos. Dessa forma, Fausto Neto (2010, p.12) relata que a esfera da produção se torna receptora de sistemas de produção enunciativa, já que a circulação:

[...] passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura dos processos comunicacionais.

Dessa forma, tanto o polo de produção, quanto o polo de reconhecimento, se constituem na circulação e através da circulação. É um trabalho em conjunto, ou seja, é impossível não considerá-la como uma atividade com a participação dos sujeitos. Assim sendo, a circulação passa a ser o espaço onde acontecem não só as interações, mas onde os sentidos são produzidos.

Parece-nos importante localizar a midiatização como um fenômeno social e, portanto, histórico – fugindo das visões tecnicistas e/ou funcionalistas de Comunicação. Nesse sentido, pretendemos pensar e operacionalizar a midiatização de uma forma crítica – não em tom “comemorativo” ou integrado, tampouco em tom refratário e apocalíptico. A midiatização não se resume à evolução de sua base tecnológica; antes, ela tem como componente essencial a própria capacidade semiótica humana, o que Verón chama de “exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais” (VERÓN, 2014, p. 14).

O momento atual de midiatização é produto de um caldo histórico e comunicacional, em um processo não linear. A possibilidade de materializar a semiose

por meio dos dispositivos técnicos provoca o que Verón (2014, p. 16) classifica como “aceleração do tempo histórico”. Essa aceleração tem sido bastante marcante nas últimas décadas, com a evolução das plataformas. Mas o que realmente dinamiza o processo é o poder da invenção social protagonizada pelos sujeitos.

Dessa forma, as pesquisas em midiatização ganham refinamento na medida em que estão, ao mesmo tempo, abertas à inventividade social das interações e atentas às estratégias e agenciamentos pelo poder de atribuir sentido. A potência da noção de Midiatização reside, então, não em sua caracterização de novidade – de inovações tecno-comunicacionais recentes -, mas na sua capacidade de relacionar e explicar elementos de uma realidade em complexificação. Conforme Falchi (2021), a midiatização da sociedade:

[...]é marcada por transformações em diversos níveis: na inter-relação entre os campos, na diluição das fronteiras entre as gramáticas de produção e de reconhecimento, assim como na forma de ordenamento da sociedade e na complexificação das relações existentes em todos os âmbitos. Essas mudanças ocorrem de forma processual, ou seja, vão se dando de acordo com a intensidade da intercambialidade entre as ações dos sujeitos e a interpenetração dos dispositivos midiáticos (FALCHI, 2021, p. 7-8).

Essa intercambialidade entre ações dos sujeitos e os dispositivos midiáticos inclui a não automática correspondência entre os âmbitos quantitativo e qualitativo do processo. As possibilidades técnicas de produção e circulação de conteúdos midiáticos não devem ser analisadas unicamente em perspectiva micro – usos de funcionalidades como curtir, comentar e compartilhar. Parece-nos mais acertado ter em consideração o processo social mais amplo e profundo. Por isso, não concordamos por completo com a proposição de Gomes (2017, p. 68), segundo a qual “o estupendo desenvolvimento das tecnologias digitais configura outro salto quântico, fazendo com que a humanidade atinja um patamar superior, experimentando uma mudança radical no seu modo de pensar e de agir”. É fato que, a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais, passamos a pensar e agir sobre o mundo de forma diferente. Mas não creio que essas inovações, por si, nos elevem a um patamar superior enquanto humanidade.

3 DESREALIZAÇÃO E OPERAÇÕES DE EUFEMIZAÇÃO

Longe de determinismos tecnológicos, a noção de midiaticização que adotamos conjuga algo que se situa nos processos sociais com aquilo que ocorre no âmbito midiático. Assim, parece produtivo - e mesmo necessário - caracterizar a midiaticização historicamente, como algo que se desenvolve em tempos e espaços específicos. Nesse sentido, Muniz Sodré propõe que os processos de midiaticização que vivenciamos atualmente devem ser pensados em paralelo ao estágio atual do capitalismo, a saber, o capitalismo financeiro. Para o autor, a ficcionalização do valor econômico que circula encontra sua contraparte na desrealização (ou virtualização) do valor do sentido que circula midiaticamente, uma vez que:

O fato é que capitalismo financeiro e comunicação constituem, no mundo globalizado, um par indissolúvel. A comunicação é fundamental à totalidade do capital desde o momento de produção do valor até as diferentes etapas de circulação, que desembocam hoje na criação fictícia do valor por meio de finanças. Financeirização e midiaticização (*o bios virtual ou midiático*) são as duas faces de uma moeda chamada sociedade neoliberal avançada, essa mesma a que se vem apondo o prefixo ‘pós’ (Pós-industrialismo, Pós-modernidade etc.) (SODRÉ, 2021, p. 60).

No contexto dessa sociedade neoliberal avançada da qual os fala Sodré emergem os grandes desafios e dilemas comunicacionais de nossa época, como desinformação, descrédito do trabalho jornalístico, disseminação do ódio e de fundamentalismos, entre outros. Uma das possíveis fontes desses fenômenos está ligada à desvalorização da noção de verdade consensual, em troca de um “jogo cênico dos fatos” (SODRÉ, 2021, p. 156). A construção social do sentido, então, encontra-se imersa em relativismos e idiossincrasias. O diálogo e a resolução de questões colocadas socialmente se tornam deficitários, resultando em esquemas de polarização e incompreensão.

Apesar de esse cenário comunicacional ser bastante desafiador, entendemos que a chave epistemológica para compreendê-lo não deve ser apocalíptica, mas sim crítica. A circulação midiática está longe de ser um processo dado e previsível; ela circunscreve uma gama de embates de sentido e inventividades que emergem do social. Entendemos que aquilo que está em jogo tem a ver com disputas de poder simbólico e por classificações sociais - no sentido de Bourdieu (2011). Podemos situar a desrealização como uma manifestação do momento atual da midiaticização, como uma das estratégias de disputa simbólica alinhada com o ambiente midiático das plataformas digitais. Ao

contrário de uma imposição totalitária de um sentido único, aposta-se em uma confusão de referências simbólicas.

Procuramos, neste texto, compreender os processos de desrealização característicos do estágio atual da midiatização enquanto operações de eufemização do real. Este real está presente em nossa vida e em nossas interações, porém passa por eufemizações, as quais atendem aos interesses dos agentes envolvidos na circulação.

As imagens e relatos da guerra na Ucrânia, por exemplo, surgem em função de algo que é real e concreto (o conflito armado, as mortes, a destruição) e chegam a sujeitos que estão também inseridos em um real (o da sociedade brasileira, no caso abordado). O que acontece é que na circulação desses conteúdos, entre produção e reconhecimento, muitos elementos entram em jogo. Eufemizar parece ser uma operação potente nesse contexto. Da mesma forma, na página da TSGA as postagens apresentam uma ideia simplificada e generalista da Síndrome de Turner, eufemizando a realidade de quem convive com a síndrome e dando uma ideia errada sobre a enfermidade.

Entendemos que as eufemizações, no âmbito das plataformas digitais, podem estar inseridas em variados tipos de estratégias, desde o uso de imagens e expressões descontextualizadas até generalizações e simplificações. O fato é que existe uma intencionalidade nessas operações, que repercute nas interações que se seguem às postagens das páginas - que podem tanto seguir uma linha de legitimação e aprofundamento da eufemização proposto, como também podem gerar contestação e reivindicação, por parte dos agentes envolvidos na circulação, de retorno ao que seria, na visão desses agentes, o real da situação.

4 Disputas de sentido sobre a Guerra Russo-Ucraniana no perfil *Hoje no Mundo Militar*

O Hoje no Mundo Militar⁴ é um perfil dedicado à abordagem de temas militares atuais, que também tem uma audiência expressiva no seu canal no YouTube. Compartilha conteúdo próprio e de terceiros no Twitter, trazendo contextualizações. Tem caráter predominantemente analítico. Possui 562 mil seguidores no Twitter. Não se trata de um perfil jornalístico, mas sim focado em análises e compartilhamento de notícias de várias fontes. Com a Guerra na Ucrânia, as postagens do perfil têm gerado

⁴ Link para o perfil no Twitter: twitter.com/hoje_no.


inúmeros debates entre os seguidores que comentam, inclusive tensionando os posicionamentos e enquadramentos do perfil. Muitos seguidores mais antigos acusam o Hoje no Mundo Militar de adotar um posicionamento político pró Ucrânia e Ocidente, algo que, na visão destes agentes, não ocorria em relação às abordagens anteriores do perfil, mais focado em questões técnicas do âmbito militar.

Na instância da produção, podem ser destacadas operações que se utilizam da eufemização – uma manifestação da desrealização, conforme nossa problematização. Em nome de enquadrar o conteúdo compartilhado na interpretação que o perfil deseja passar, alguns elementos que pertencem à dimensão do real se perdem, ocultados por expressões que deslocam o sentido para outros rumos, afastando-se desse real. Por exemplo, uso de termos genéricos e vagos, que não dão uma ideia adequada do que realmente se passa na guerra, com as mortes, os combates intensos. Isso também se manifesta quando o foco das postagens está em apenas um dos lados do conflito, sem o contraponto da perspectiva do adversário, gerando uma abordagem um tanto reducionista – na qual as lacunas são preenchidas com expressões prontas, provocando a desrealização. É como se existissem verdades comprovadas a priori, sem compromisso com as complexidades e nuances da dimensão do real.

Outro fato com poder de desrealização é o uso, em algumas das postagens analisadas, de imagens focadas em blindados e outros equipamentos militares, além de imagens de destruição que não dão a dimensão do que viveram ali as pessoas envolvidas (militares e civis). Isso parece favorecer uma proliferação de debates focados mais em questões políticas e ideológicas do que na dimensão humana da guerra.

Imagem 1 - Post de Hoje no Mundo Militar sobre Mariupol



Hoje no Mundo Militar 

@hoje_no

...

Este é o estado em que ficou a siderurgia Azovstal após o ataque russo que destruiu também a sua cidade, Mariupol. Era uma das maiores siderurgias do mundo (tinha quase o dobro do tamanho da CSN), mas fontes especializadas dizem q a sua reconstrução seria excessivamente cara.



10:32 AM · 7 de jun de 2022

87 Retweets 4 Comentários 1.812 Curtidas 11 Bookmarks

Fonte: Twitter/Hoje no Mundo Militar

A Imagem 1 é um exemplo dessas operações de eufemização que ocorrem no conteúdo postado pelo Hoje no Mundo Militar. “Este é o estado em que ficou a siderurgia Azovstal após o ataque russo que destruiu também a sua cidade, Mariupol”, diz o perfil no início da postagem. Isso caracteriza bem o que foi dito, sobre a proposta do post de “mostrar” (“este é o estado”), como se a imagem que vem a seguir pudesse transmitir todo o sentido por si própria. Para realçar a dimensão do “ataque russo”, o *Hoje no Mundo Militar* traz, a seguir, algumas informações sobre a Azovstal; que era uma das maiores siderúrgicas do mundo; que era quase o dobro da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) – claramente tentando aproximar o fato relatado com a realidade brasileira; que sua reconstrução seria excessivamente cara, segundo fontes não identificadas – reforçando a condenação da ação russa. Importante ressaltar que a

destruição é exclusivamente apontada como responsabilidade da Rússia, não de um combate de dois exércitos beligerantes.

Temos, portanto, a força da imagem, incrementada por associações feitas na legenda, como atestado do que seria a barbárie russa. A destruição, apesar de ser um resultado concreto e real da guerra, passa por uma espécie de desumanização, focando-se a atenção em aspectos econômicos, por exemplo. Também se trata de uma simplificação, pois não dá a dimensão do desenrolar dos combates na cidade de Mariupol. Não se trata de aliviar ou distribuir culpas de um ou outro lado em conflito, ou de debater quem está certo ou errado, mas de compreender que a realidade é mais complexa do que apenas as imagens de ruínas.

5 Estratégias comunicacionais da Turner Syndrome Global Alliance

A Turner Syndrome Global Alliance (TSGA) é uma organização não governamental estadunidense criada por pais de pacientes com ST. Em 2015 a TSGA criou uma página no Facebook e passou a compartilhar conteúdo com objetivo de:

1- Compartilhar informações baseadas em evidência e recursos para meninas e mulheres com ST e suas famílias 2- Mudar a imagem da Síndrome de Turner mostrando fotos de pessoas reais que têm ST fazendo coisas que elas amam com suas famílias. As antigas imagens de ST de livros não refletem a realidade de quem vive com ST, e nós queremos que famílias que estão aprendendo sobre ST pela primeira vez vejam lindas e espertas pessoas com ST e se sintam esperançosos. (Marybel Good, entrevista, 2021, trad. nossa)⁵.

As postagens são compartilhadas diariamente, e em sua maioria falam das questões de saúde que afetam as meninas e mulheres com ST. Há um padrão nos posts: 1) geralmente trazem imagens de meninas e mulheres com a monossomia sorridentes, alegres e com cenários neutros; 2) usam tons de rosa e lilás - que além de representar feminilidade também são cores que fazem a referência há doenças raras; e 3) apresentam frases sucintas e diretas, sem aprofundamento, como exemplificado abaixo, na Imagem 1. Além do mais, nem todas as publicações possuem legendas, algumas são

⁵ Entrevista realizada com uma das cofundadoras da TSGA, Marybel Good, em março de 2021.

constituídas apenas pela fotomontagem, e quando há legendas estas são constituídas de termos técnicos e poucos detalhes específicos.

Imagem 2: Posts TSGA



Fonte: Facebook/ TSGA

Em relação ao design, o primeiro ponto a ser observado é que as pacientes representadas nas fotomontagens são geralmente bebês ou crianças na primeira infância. A representação de adolescentes e adultos é esporádica, e a de mulheres acima dos 50 anos é quase inexistente. Apesar de compreender que essa é uma estratégia para chamar a atenção para a importância do diagnóstico precoce e que grande parte das questões de saúde relacionadas à monossomia se manifestam nos primeiros anos de vida, o sentido posto em circulação pela TSGA é de que ou a síndrome é algo infantil e/ou que a desordem cromossômica só traz afetações graves no início, e/ou de que a partir da idade adulta não se precisa dar tanta atenção à ST. Todos esses sentidos não correspondem à realidade da desordem cromossômica (o diagnóstico pode ser feito em qualquer idade, alguns afetações de saúde aparecem apenas na vida adulta, o acompanhamento médico deve ser feito pelo resto da vida), e isso pode levar à desinformação sobre a monossomia, gerando incompreensão sobre uma doença rara que não é popularmente conhecida. Também é válido atentar que ao optar por criar conteúdos com imagens de bebês ou crianças, a ONG se vale de uma estratégia comunicacional que visa promover a esperança entre pacientes e familiares, uma vez que a infância remete à ideia de sonhar, de poder criar um universo repleto de imaginação, de ter a possibilidade de recriar e recontar a própria história. E são esses sentimentos que a TSGA tenta repassar aos seguidores.

Sobre o uso de fotos de meninas sorridentes, esse conceito remete à ideia de que ser alegre e ter a síndrome não são opostos, que a última não é um impeditivo para a felicidade e que não se deve perder o sorriso e a vontade de viver perante o diagnóstico, pois como afirma Marybel Good: “Nossa página definitivamente traz esperança através do compartilhamento de fotos de tantas pessoas com ST” (entrevista, 2021, trad. da autora).

Ao falar sobre a estrutura da postagem e sobre as informações compartilhadas é preciso destacar que ambos estão interrelacionados. Como observado na Imagem 1, a TSGA opta por divulgar as características e afetações da síndrome de forma direta: uma ou duas frases breves que sintetizam a informação apresentada:

Previamente à nossa página do Facebook, a única maneira de aprender informações era encontrar um website e ler toda a informação contida nele. Por meio do compartilhamento de pequenos fatos, nós ajudamos famílias a aprenderem mais sobre ST, empoderando eles a terem conversas mais significativas com seus médicos. [...] Infelizmente, muitas famílias com um novo diagnóstico recebem informações erradas até mesmo dos médicos. Isso é muito evidente em diagnósticos que vêm do útero e de opiniões profissionais e consultas que as famílias recebem. Infelizmente muitas famílias ainda são encorajadas a terminar a gravidez se a ST é diagnosticada, baseada em um pouco entendimento sobre a verdadeira qualidade de vida de meninas e mulheres com a ST. (GOOD, entrevista, 2021, trad. nossa).

É indiscutível os dois pontos positivos trazidos por Marybel: o aprendizado sobre ST e a possibilidade de uma conversa bidirecional com profissionais da saúde, através de um deslocamento da ST do âmbito meramente médico. Certamente a página promove um tensionamento entre o campo médico e a comunidade que convive com ST, pois há a ampliação do acesso à informação através dela, uma vez que antes a concepção e a interpretação sobre o que vem a ser ST estavam somente nas mãos dos médicos, e agora estas também pertencem a quem vive com a monossomia cotidianamente. No caso da TSGA, esse deslocamento se dá pelas fotos sorridentes e alegres de meninas com a síndrome e pelo compartilhamento de frases motivacionais.

Contudo, ao se analisar mais profundamente, tanto a fala de Marybel Good, quanto as postagens em si, faz-se necessário ter uma visão crítica sobre o conteúdo compartilhado via Facebook pela organização, a começar pela forma como as informações são apresentadas. A fotomontagem da esquerda fala sobre a maior ocorrência de infecções de ouvido em quem tem ST. E essa é única informação

disponibilizada, não deixando claro quais os sinais de uma infecção, a necessidade de um atendimento médico, também não explicam qual é a relação entre ST e as infecções de ouvidos ou os cuidados necessários. A ONG também não fornece nenhum hiperlink que possa redirecionar os seguidores a algum artigo, site ou local com informações mais detalhadas.

Todavia, para além disso, ao reforçar felicidade, há um movimento de eufemismo, pois o sorriso das crianças minimiza e dá uma ideia menos angustiante e dolorida da realidade, ou seja, abranda o sofrimento decorrente das situações descritas textualmente. É um ponto de fuga de questões que podem surgir com a monossomia. Ao mesmo tempo que permite ter uma visão positiva e otimista, com a intenção de mostrar que a síndrome não é nada demais; leva a uma crença utópica, pois apesar de a ST não ser impeditiva, vão existir obstáculos superáveis, mas não sempre fáceis.

O mesmo acontece na fotomontagem da direita: a organização fala sobre “pensar diferente”, “problemas de aprendizado” e “dificuldade em se colocar no lugar do outro”. Todavia não explicam que isso tem um nome: transtorno de aprendizagem não-verbal, também não fornecem informações de que caso a menina apresente essas questões é necessário um acompanhamento psicológico, ou seja, novamente não dão mais detalhes e nem refletem criticamente sobre aquele dado. Essa situação é agravada pelo fato de que em nenhuma das postagens a TSGA enfatiza que nem todas as meninas com a desordem cromossômica apresentam todos os sintomas, assim as postagens geram um tom alarmista, que pode gerar mais preocupação aos pais e pacientes.

Esse fato ocorre porque as informações são apresentadas de forma descontextualizada. Os dados são compartilhados isoladamente, como se fossem suficientes por si só. Certamente saber das informações é importante, porém ao tirar de um contexto mais amplo - uma vez que o Facebook é uma plataforma feita para que as informações sejam vistas e absorvidas rapidamente – muitos dados se perdem. Apesar de a organização adotar a lógica da plataforma na qual está presente, eles poderiam solucionar esse problema colocando um hiperlink que redirecionasse os seguidores para algum local com as informações mais completas.

Outrossim, ainda há um outro ponto problemático, pois ao dizer que há uma diferença na forma de pensar e na forma de se aprender, a TSGA está partindo do princípio do padrão existente na sociedade, não enfatizando a força das pacientes.

Assim, estigmas são perpetuados, uma vez que a própria organização reforça que quem nasce com ST não apenas não se encaixa no padrão, mas que isso é ruim porque elas “não conseguem se colocar no lugar dos outros ou pensar em formas alternativas de fazer as coisas”. Portanto, ao invés de celebrar a diversidade, a ONG a encara como um obstáculo – especialmente no âmbito social. Dessa forma, há o reforço de que quem não nasce ou age de acordo com as normas e padrões sociais é diferente. Mas a pergunta é: diferente de quem? Não somos todos diferentes uns dos outros? E a organização, enquanto uma instituição que visa disseminar informações, não deveria lutar pela quebra desses padrões?

Imagem 3: Legenda post TSGA



Fonte: Facebook/ TSGA

O primeiro ponto de destaque do texto da legenda é quando a TSGA diz que, pelo conhecimento deles, a síndrome não pode ser prevenida. Aqui surge uma indagação: nas postagens que não possuem a indicação de fonte, as informações partem das experiências dos administradores da página? E de onde a organização retira as informações compartilhadas? O conteúdo da legenda abre muitas frentes e, apesar de a página se colocar como um elo entre a síndrome e a ciência, pode-se questionar o teor científico apresentado nas postagens. Esse fato pode ser corroborado, pois a legenda cita que a perda do cromossomo sexual ocorre nos primeiros estágios após a concepção.

Apesar dessa informação ser verdadeira, ela também é incompleta, pois a perda do cromossomo também pode ter origem no óvulo ou no espermatozóide, ou seja, antes mesmo da concepção. Portanto, a legenda escrita pela organização é imprecisa e pode levar a uma compreensão errônea sobre a origem biológica da síndrome. Dessa forma, esse se torna mais um fator que leva a questionar o tipo de fonte utilizada pela organização, a precisão das informações e a possível compreensão que os seguidores possam ter sobre o assunto. Isso vem a ser preocupante, pois a página se destina a pessoas que não têm uma base médica e que provavelmente nunca tiveram contato antes com a síndrome.

Mostrar a vida real de quem vive com uma doença rara, fugindo das imagens padronizadas e estanques dos livros médicos, vem a ser fundamental. Todavia, não existir um padrão na terminologia da síndrome é problemático, pois mais do que a solidão do diagnóstico, as pacientes já sofrem com os estigmas da monossomia, e a forma de se referir a ela pode impactar os sentimentos e elaborações dessas meninas e mulheres, uma vez que os sentidos sobre a síndrome não são apenas criados por imagens, mas também por meio de texto, som, expressões, entre outros.

Dessa forma, todos esses elementos citados anteriormente podem levar a uma desinformação ou à criação de uma concepção errônea e inverídica sobre o que é ST. Isso também pode vir a ocorrer por outro motivo, o diagnóstico de ST, por si só, já é angustiante para muitas famílias. Então, nesse momento de sensibilização, muitos pais podem se apegar à ideia de felicidade disseminada pela página e se perguntar “Por que minha filha não é assim?”. Portanto, a visão crítica da página da TSGA discutida aqui se faz necessária, pois ela não apresenta uma visão global da síndrome, o conteúdo fornece dados fragmentados e esparsos, sem uma continuidade que permita ter uma melhor compreensão panorâmica da monossomia.

Sendo assim, todos esses elementos não proporcionam apenas uma versão eufemizada do que vem a ser a Síndrome de Turner e a vida de pacientes e familiares. A TSGA também cria um panorama irreal da monossomia: mais infantilizado, simplificado e tranquilo. Para uma mulher recém diagnosticada ou uma família que soube a pouco tempo que a filha tem a síndrome, ao mesmo tempo que a página cria esperança, também não aborda os desafios. Claro que a organização tenta ser positiva e mostrar que a vida de alguém com ST pode ser igual a de outras mulheres, o que é

verdade. Todavia, excluir os desafios, o sentimento de angústia, medos e incertezas e diminuir o impacto dos problemas de saúde leva a uma percepção equivocada do que é conviver com uma doença rara. Nesse contexto, é importante ressaltar que não há a pretensão de desvalorizar ou diminuir a importância do trabalho realizado pela TSGA, uma vez que ela dá visibilidade para uma síndrome marginalizada, acolhe familiares e pacientes e as informações compartilhadas servem como uma porta de entrada para essas pessoas que muitas vezes estão em um momento de desgaste emocional devido ao diagnóstico. Porém uma visão crítica se faz necessária para se pensar em uma experiência comunicacional mais efetiva e condizente com a complexidade tanto do cenário interacional quanto da vida de quem nasce com uma doença rara.

Considerações

Portanto, é possível dizer que a página da TSGA cria uma bolha: produzindo conteúdo sobre ST para a comunidade com a monossomia. É um movimento interno, no qual as informações circulam de dentro para dentro: pois quem cria, interage e cria novos sentidos e ordenações para a síndrome pertence ao mesmo meio. Dessa forma a página é feita por familiares de meninas e mulheres com a síndrome, para pacientes e seus familiares. Não há uma intenção de que pessoas que nunca ouviram falar sobre a monossomia acessem ou compartilhem o conteúdo, que é criado para um público específico. Essa concepção fica clara quando Marybel Good destacou, em diversos momentos da entrevista, que a ONG empoderou diversas meninas e mulheres e que ela visa mostrar rostos reais de quem nasce com a desordem cromossômica. Esse movimento é importante, porque ao receber o diagnóstico, ter um local para se acessar informações é valioso. Mas o questionamento que surge é: será que por se tratar de uma organização que objetiva falar sobre uma doença rara, um dos movimentos a ser feito é o de atingir novos públicos? De romper com os estigmas sociais, para que ao invés de chegarem à página angustiados ou em negação, eles possam contribuir para a elaboração de novos sentidos sobre a síndrome? No ponto de vista aqui apresentado, apesar de fundamental, a página se restringe a um determinado público.

A abordagem da Guerra-Russo Ucraniana por parte do Hoje no Mundo Militar traz várias pistas para compreender as relações que existem entre midiatização e desrealização, cuja chave aqui estudada é a eufemização. Constatamos que a forma pela

qual os agenciamentos ocorrem na circulação é de sentidos fluidos. Não se busca impor uma narrativa ou sentido único e acabado. A estratégia dos agentes - no nosso caso, o perfil de Twitter - é fazer uso de expressões, imagens e referências simbólicas que compõem uma linha de interpretação baseada na experiência compartilhada com o público. Quer dizer, as eufemizações são efetivas na medida em que a mídiatização permite uma complexificação na relação entre produção e reconhecimento. O Hoje no Mundo Militar se utiliza de conteúdos de outras páginas e sujeitos, adicionando seu próprio direcionamento na legenda, o qual se constitui por meio de gramáticas do contato rotineiro que existe entre o perfil e seu público.

A riqueza da teoria da mídiatização reside, portanto, não no componente de inovações tecnológicas, mas sim na complexidade das interações e das disputas de sentido. Da mesma forma, a desrealização que ocorre a partir das eufemizações é reforçada (ou combatida) a partir do contato que existe entre o perfil do Twitter e seu público. A fluidez do sentido nas plataformas digitais permite fazer associações que atendam aos interesses do agente que está operando a eufemização, por um lado fazendo aproximações com as referências simbólicas dos seguidores, mas por outro deslocando ou esvaziando o sentido sobre temas complexos, tais como uma guerra.

Referências

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: BRAGA, José Luiz. *Et al.* Matrizes Interacionais. Campina Grande: Eduepb, 2017a. P. 17-42.

BRAGA, José Luiz. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, José Luiz; et al. Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013, p. 156-172.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2011.

COULDRY, Nick.; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: **Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos Brasil y Argentina.** Rosário: UNR, 2010. p. 2-17.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Mídiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade.** São Paulo: Paulinas. 2016.

ROSA, Ana Paula da. *Imagens que pairam: a fantasmagoria das imagens em circulação*. In: XXVI Encontro Anual da Compós, 2017, São Paulo. **Anais...** Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_C1YVJC1FFEN4O5ZID70Z_26_5247_12_02_2017_11_51_34.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2019.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.